

O HONORÁVEL SENHOR LAGARTIXA

(Para o Siddhartha)

Ali parado solitariamente C. olhava para o teto quando viu uma lagartixa aproximar-se da teia de aranha. C. era um colecionador de borboletas e estava de viagem exatamente para caçar algumas borboletas novas para sua coleção, que exibia com orgulho e garbo desmedido, sem qualquer interesse em ser discreto, para os amigos, colegas e visitas. Naquela pousada nos altiplanos do planalto central C. podia encontrar novos espécimes, mas não podia esperar uma limpeza adequada de suas acomodações. O sol tinha-se posto há muito e o colecionador de borboletas estava deitado de barriga para cima, no sofá da pequena sala, esperando o sono que teimosamente se esgueirava das pupilas dilatadas e da mente ativa catalogando para si espécies de borboletas.

A lagartixa tem uma borboleta pequena na boca. Ela as rouba da teia da aranha no canto sujo do teto. O colecionador guarda borboletas espetando-as com alfinete sobre um tecido fino e macio de cetim. Ele as mata para colecionar. Ele as rouba da armadilha que monta para elas caírem durante a noite. “A lagartixa, essa tem menos trabalho, alguém faz a armadilha para ela”, pensou.

A dúvida é o sinônimo de humanidade, e também de Deus. De dúvida em dúvida o Senhor fez o Universo e o homem. Como não há como desdenhar dessa empreitada, tendemos a ver igualmente na capacidade de duvidar a sanidade. Somos sãos porque duvidamos. Isso é óbvio quando olhamos para um louco: ele não diz nada com nada e isso nos leva a crer em sua incapacidade de por em dúvida as grandes verdades da humanidade. Logo, se não existe dúvida, não existe conhecimento e menos ainda seu aprimoramento. Pronto, temos um parâmetro para distinguir a doença da saúde. Claro que ninguém vai se atentar ao fato de que desde o Início as maiores verdades de uma época foram as maiores idiotices e inverdades de outrora. Pensar nisso seria descobrir que Deus é possuído pela loucura.

Como naquele mito de um certo autor maldito, dois que despencam abraçados no vácuo da imensidão rumo ao oceano lá muito embaixo, bem fundo, bem longe, projetados pela explosão terrorista do avião que sobrevoava Londres. Deus quer salvar seu discípulo, o ser do bem, o que merece Sua proteção, mas como fazê-lo sem abençoar igualmente o do mal, o que merece as profundezas horrendas e de incomensurável sofrimento do inferno, onde habita o anjo demoníaco? Como salvar um sem salvar o outro, já que estão agarrados um ao outro e por forças da física gravitacional se salvação houver, o que é impossível sem a ajuda divina, depende desse abraço mortal imortal?

Mas em certas situações, pois, pelo menos em certas situações, como trocar a fé pela dúvida? Eva e Adão o fizeram, mas não estavam despencando no nada de um avião explodido por terroristas em direção à terra. Estavam no paraíso. Descrer é infinitamente mais fácil e simples do que duvidar. Não creio e pronto. Mas quando duvido sempre tem algum chato ou alguma chatice a perguntarem: “E daí?”. E pronto

lá vem a infernal necessidade de algo novo, de um novo saber, de outro conhecimento. A condenação, se a houver, só pode ser o conhecimento.

Duvida-se melhor no paraíso ou no inferno? Bem, se formos saudáveis não vamos querer experimentar o inferno ao trocar a fé pela dúvida para avançar em conhecimento. Daí deriva que normalmente os que não temem o demoníaco são doentes. Coragem e saúde não andam de mãos dadas. A solidariedade e o amor não têm o poder de voltar às falas Miguel e Lúcifer, o *Manas*. As grandes verdades, contudo, precisaram enfrentar mais forças infernais do que viagens com céu de brigadeiro.

O pior, no entanto, é que não existe verdade. Duvide ou não das coisas, e dos outros ou de suas obras, o fato é que entre o real e o conhecimento existe a interpretação. Isso envolve um processo de linguagem e emaranhado de códigos elaborados de forma a produzir comunicativamente a existência. O louco é o que não consegue duvidar ou apenas o que usa outros códigos e os emaranha de forma outra para revelar o mundo de alguma forma? Não é o caso de verdades relativas, oposições entre descrença e dúvida, ou crença em “A” e não “B”, mas seja lá o que for a patifaria está em que nada pode ser verdade. Louco ou não Deus provavelmente pensa e vive criativamente de forma fantástica em sua loucura, o *Manas*.

Então, e só então, C. vê de cima para baixo, grudado no teto de ripas de madeira, deitada no sofá de barriga para cima, uma lagartixa de ventre verde-esbranquiçado com as suas quatro patas erguidas para o Céu, olhos esbugalhados e cauda coniforme recaída por sobre o braço inferior da poltrona. E senti um gosto seco e ao mesmo tempo úmido na boca, um sabor amargo de clorofila – semelhante àquele que experimentava quando na “colheita” de caracóis enquanto jovem nas ravinas de minha terra natal há tantos anos passados, costumava colocar pequenos gravetos de capim na boca, a imitar os adultos! -, enquanto com técnica apurada jogava a cabeça para cima naquele gesto comum de lagartixa que procura agarrar e empurrar goela abaixo sua presa, enquanto um filete de um líquido viscoso e escuro soçobrava no canto da boca. A coleção virou alimento – zooantropofagia.

Sem verdade para quê duvidar? E a lagartixa tinha na mão uma rede de caçar homens.